

“Seis bebês para o fim do mundo”

Por

Leonardo Paiva e Roberto Cassano

Prelúdio

Os sinais vieram tímidos, modestos, quase fracos, até. Mas vieram.

Começou com uma notícia publicada em sites noticiosos na Internet, mais como curiosidade mórbida, movida por aquilo que os humanos, esses estranhos seres vertebrados bípedes de carbono que (pensam eles) dominam a terceira esfera que gira tontamente ao redor da estrela Sol chamam de "superstição".

A notícia divulgava a chegada de mais um desses seres ao mundo, atendendo uma coincidência de data e hora sincronizadas sobre um único algarismo:

*Bebê inglês nasce às 6h do dia 6 de junho de 2006 **

Um bebê inglês nasceu às seis horas, do sexto dia, do sexto mês, do sexto ano (2006) e ainda por cima recebeu o nome de Damien, como no filme "A Profecia".

Segundo informa a imprensa de hoje, Damien Cooper nasceu na terça-feira (6/6/6) num hospital de Bristol, oeste da Inglaterra. Seu nascimento parece com o mostrado no filme de 1976, com Gregory Peck e o pequeno Harvey Stephens como "Damien".

Além disso, o bebê nascido em Bristol pesou seis libras e seis onças (cerca de 2,89 quilos). A mãe, uma professora chamada Suzanne Cooper, fã de filmes de terror, ficou empolgada com os sinais macabros que marcaram o nascimento de seu filho.

"Estamos muito felizes com o bebê, porque 'A Profecia' é um dos meus filmes favoritos e eu queria mesmo dar à luz no dia 6", explicou. Cooper se encarregou de negar qualquer problema com o menino. "Não tem nada a ver com Damien, de 'A Profecia'. É um bebê perfeito", afirmou.

* Notícia retirada do site UOL News

Como em todo evento apocalíptico que se tem conhecimento nessa terceira esfera que gira ao redor da estrela Sol, os estranhos seres vertebrados bípedes de carbono nunca entendem os primeiros sinais de que o fim está chegando, interpretando-os como piada, galhofa ou mera curiosidade – quando o céu cai sobre suas cabeças, tudo que ouvimos é "Nossa, tudo foi tão de repente... Por que ninguém nos avisou que isso iria acontecer?" Ah, vai entender esses seres... Oh, desculpe-me. Esqueci de apresentar-me: Me chamo Helix e serei seu guia nesse evento. Que evento? Ora, a reformulação dessa esfera, claro.

Como estava falando, esses humanos não percebem a intensidade dos primeiros sinais. O caso citado acima é um exemplo disso: os escribas da terceira esfera ficaram tão impressionados com a coincidência "algarísmica" do nascimento deste pequeno novo ser que ninguém percebeu que, na mesma data e hora, em outros pontos da terceira esfera, outros cinco desses mini-humanos também deram seus primeiros suspiros (e choros) de vida...

Capítulo 1

Em Knoxville, Tennessee, Estados Unidos, uma das maiores diversões de seus habitantes vertebrados bípedes de carbono é encontrar palavras com mais letras dobradas do que "Tennessee". Mas não para Johnny Hellmont e seu topete de 15 centímetros. Ele é mau. Do tipo que engata a quarta marcha em seu Mustang vermelho e joga lama sobre velhinhas que alimentam pombos norte-americanos numa das pacatas praças de Knoxville. As meninas o acham a cara do James Dean, só que mais babaca. Os meninos o acham o mais babaca de Knoxville.

Um dia, enquanto aplicava gumex em seu topete invertebrado de 15 centímetros, percebeu que algumas galáxias apareceram em seu espelho do banheiro. É claro que esse tipo de coisa não acontece todo dia (exceto no mês de agosto de 1666, mas aí Johnny Hellmont não era nascido). Johnny observou as galáxias se afastarem uma das outras, produzindo um belo efeito Doppler em seu espelho Blindex Sesosbra. Por fim, surgiu algo que pareceu um olho. E ele ouviu uma voz vindo de algum lugar logo atrás de seu hipotálamo. "Ande a pé".

Logo ele, que muitos acreditavam ser parte integrante do Mustang Vermelho, que barbarizava em rachas pela cidade, que bebia gasolina no café da manhã. Mas, ao contrário da maioria dos seres bípedes de Knoxville, Tennessee, ele não ignorou os sinais.

Terminou de aplicar o gumex, tomando cuidado para as galáxias não atrapalharem o penteado, deixou a chave do Mustang sobre a mesa, contou moedas para o ônibus e saiu de casa. Ao pôr os pés na Rua foi atropelado por um Chevette mexicano caindo aos pedaços, bateu a cabeça no meio fio e morreu imediatamente, para alegria de todos os outros meninos de Knoxville e de todas as velhinhas que alimentam pombos norte-americanos.

Essa história termina exatamente um segundo antes de uma criança nascer em Londres, na primeira semana de junho de 2006.

Capítulo 2

Essa terceira esfera que gira tontamente ao redor da estrela Sol possui falhas. Em seu projeto original, a superfície aquática deveria ser não apenas predominante, mas absoluta. O departamento responsável pela produção ainda não sabe direito o que aconteceu para surgirem essas protuberâncias que brotam da água como grandes espinhas sobre a pele, que precisam ser espremidas com urgência. Mas a Lei de Murphy também atua em proporções cósmicas e divinas: enquanto os departamentos jogavam a culpa uns sobre os outros pelo erro em vez de se concentrar na reparação desse desastre, ninguém viu que os chamados seres vivos começaram a sair do habitat natural inicialmente planejado para eles e migraram para acima do nível aquático, tornando-se respiradores de oxigênio. Se existe mais oxigênio dentro d'água do que na camada de ar que a cerca, por que então sair de lá? E se existe mais espaço para viver no ambiente que criamos pra eles, por que caramba migrar para essas protuberâncias? E esses estranhos seres vertebrados bípedes de carbono ainda se dizem inteligentes...

O fato é que, em uma dessas protuberâncias – que os vertebrados bípedes de carbono passaram a chamar de continentes – existe uma área batizada por eles de Kilimanjaro. É uma alta protuberância em cima da protuberância que eles chamam de África, dentro de uma área conhecida como Tanzânia, quase na fronteira com o Quênia. O topo desta protuberância fica 5.895m acima da superfície do ambiente previamente planejado e, apesar de ser coberto por neve (um fenômeno interessante, capaz de prender a atenção por poucos minutos), já expeliu fogo e lava em toda a região por onde crescem florestas, pradarias e uma infinidade de raças e espécies de formas de vida desenvolvidas acima do nível do habitat ideal. Inclusive os vertebrados de carbono que, por lá, convivem em pequenos grupos pouco evoluídos tecnologicamente, mantendo crenças antigas em conceitos genuínos como "deuses", "demônios" e "espíritos" – que estranhamente agradam por demais os departamentos responsáveis por suas criações.

Os seres de carbono dessa região contam lendas como a de um nativo chamado Yohana Lauwo, que, em 1889, ajudou outros dois vertebrados de carbono, vindos de outra protuberância da esfera, a chegarem ao topo do Kilimanjaro. O nativo só viria a morrer em 1997, com cerca de 127 anos. Também existe a lenda do leopardo congelado, misteriosamente encontrado a cerca de 5.00 metros de altitude, quase perto do topo do monte. Mas todos sabemos que isso não passa de histórias.

Tal qual os ursos se recolhem durante o inverno, Yohana e seu leopardo afastaram-se do mundo e isolaram-se dentro do extinto vulcão africano, aguardando o momento em que deveriam entrar em ação e cumprir a missão para a qual veio a esta esfera. Mesmo vivendo entre os vapores da cratera, do tipo que não deveriam ser expelidos de um vulcão extinto, mantendo-o aquecido durante todos esses anos, Yohana sente calafrios quando, no dia 06 de junho de 2006, uma criança nasce entre os Chaggas, sua tribo natal que vive nas proximidades do monte. O sinal foi enviado. É hora de agir de acordo com o plano.

Capítulo 3

– Respire... Respire...

– Eu estou respirando, caramba! Não precisa me dizer para fazer isso...

– Mas tem que respirar. Faz cachorrinho!

– Quê?

– Respira cachorrinho! Ou é gatinho?

– Só dirige, peloamordedeus... só dirige essa porra...

Vanildo Helsing acelera seu Lada 1986 na velocidade máxima que um Lada 1986 consegue chegar. Isso é bem pouco, entenda-se. Costura pelo trânsito complicado de Belgrado, gotas de suor se acumulando na ampla testa e na corajosa calvície que desbrava seu couro cabeludo.

No banco de trás, respirando cachorrinho sem dar o braço a torcer, Amarilda Stocker, sua esposa, conta o tempo entre cada contração. Para se distrair, tenta se lembrar qual seria o signo de alguém que nasce na primeira semana de junho.

Dentro de Amarilda, o bebê luta contra a placenta gosmenta. Resmunga com alguém, critica o serviço de bordo e o atraso. Afinal, ele já deveria estar no mundo há semanas, e só agora a Torre de Controle deu permissão para ele descer. Então o bebê está com toda pressa do mundo.

Enquanto dirige, Vanildo mantém os olhos divididos entre as ruelas e uma maleta de madeira desgastada no banco do carona. Dirigir em alta (quer dizer, baixa) velocidade em direção à maternidade não estava em seus planos para essa manhã.

Na verdade, aquele dia culminaria duas décadas de preparação. Teoricamente, naquele dia ele estaria salvando o mundo e honrando a memória de seus antepassados romenos. Só que duas garrafas de Heineken foram suficientes para que ele estragasse todo o planejamento, com a ajuda da bela, estonteante, sedutora e como-é-que-uma-mulher-dessas-foi-me-dar-mole Amarilda. Isso foi há nove meses.

– Falta muito Van?

– Tá chegando... tá chegando...

Na verdade não está. Faltam cinco quarteirões. E por algum motivo Vanildo acha que não chegará à maternidade à tempo. Talvez seja pela carreta da Shell tombada à sua frente, fechando de uma só vez as duas principais avenidas de Belgrado e cercada por caminhões dos bombeiros e por ambulâncias.

Engole em seco. Amarilda grita, e volta a respirar cachorrinho. Vanildo enxuga o suor da testa e olha para o lado. Vê uma casa velha, com janela quebrada, coberta de teias de aranha. Sob a porta entreaberta, um tapete surrado e bem sujo. Na porta, uma placa “Rose Shelley – Parteira”. Vanildo olha para Amarilda. Amarilda olha para Vanildo. O bebê olha para baixo e vê uma luz no fim do túnel que se alarga. Vanildo desliga o carro e corre para abrir a porta de trás. A chave quebra na fechadura. Então ele chuta o Lada com força e a porta cai. Uma senhora com uma verruga enorme no nariz sai da casa velha e vem ajudar Vanildo a levar Amarilda para dentro.

Capítulo 4

Helix fala:

Peraí, perai, perai... vamos colocar ordem nessa zorra, pois nem mesmo eu, que estou responsável por registrar os eventos relacionados à reformulação dessa esfera, estou me encontrando mais. Vejamos: era para eu encontrar seis crianças nascidas no sexto dia do sexto mês do ano de 2006. A primeira delas nasceu em Bristol, Inglaterra, de uma mãe fã de filmes de terror que vê na sua data de nascimento a mesma "coincidência algarísmica" que um personagem de cinema chamado Damien – não por acaso, o mesmo nome do inglesinho de Bristol. A segunda criança nasceu em uma tribo africana próxima do antigamente-vulcão-hoje-apenas-um-monte Kilimandjaro. A terceira criança, no entanto, tem pais com uma linhagem bípede carbônica histórica muito curiosa, levando em conta toda a situação.

Um segundo antes do nascimento do bebê de Bristol, um babaca topetudo do interior dos Estados Unidos, apaixonado (quase que de uma forma sexual) pelo seu Mustang, vê galáxias no espelho do banheiro que o ordenam a caminhar a pé pela vizinhança para, em seguida, ser atropelado por um chevette mexicano que parece ter saído de Cuba. Um segundo após o nascimento do bebê do Kilimandjaro, um nativo que já viveu mais do que devia e atualmente mora dentro do antigamente-vulcão-hoje-apenas-um-monte com um leopardo que também já viveu mais do que devia, se dá conta de que sua missão tem início.

Vamos selecionar as pontas soltas: tirando o mês de agosto de 1666, galáxias não aparecem em espelhos de bípedes carbônicos todos os dias, logo, Johnny Hellmont (o topetudo do mustang) tem a ver com essa história toda, mas o que? É mais que óbvio que Yohana Lauwo, o africano do vulcão, é um agente do departamento de Cobranças e Penitências, bem como o casal Helsing-Stocker trabalha para o departamento de Ordem e Segurança, mesmo que nenhum deles saiba disso. Ah, essas duas áreas sempre competiram, desde o início dessa gestação da Empresa. Se os dois departamentos estão envolvidos, então é porque cada um deles quer que ganhar vantagens sobre o outro quando a terceira esfera que gira tontamente ao redor da estrela Sol for reformatada,

comprometendo todo o planejamento principal. Está na hora de colocar alguns agentes meus no caso para garantir que nada saia mais dos trilhos do que já está. Ooohhh, colocar os agentes dos dois departamentos rivais uns contra os outros será divertido, principalmente porque meus agentes encontrarão caminho livre para encontrar as respostas das perguntas que podem custar meu emprego:

– Se Johnny Hellmont não reencarnou no corpo de Damien de Bristol (o processo burocrático de reencarnação não é tão eficiente assim), por onde anda a alma do topetudo?

– Qual diabos é a missão de Yohana Lauwo?

– E a mais importante de todas: ONDE ESTÃO OS OUTROS TRÊS BEBÊS?

Capítulo 5:

Helix fala:

Como pudemos ver até agora, o dia 6 do 6 de 2006 foi muito confuso, repleto de nascimentos e acontecimentos misteriosos. Há estudiosos que consideram o 06/06/2006 o dia mais esquisito da história, recorde que somente seria quebrado 24 horas depois, no dia 07/06/2006. Relato a seguir os principais acontecimentos daquela data, todos eles fundamentais no processo de “format c:” da terceira esfera ao redor do Sol.

05:33 – O Sol nasce sobre o Kilimandjaro. Yohana Lauwo penteia seu cabelo grisalho e o prende em longas tranças que vão até a cintura.

05:37 – Yohana Lauwo termina de pentear o cabelo, pega sua lança, coloca uma sacola feita de pele de gnu sobre seu bravo leopardo e parte rumo ao norte, encosta abaixo.

06:06 – Em Belgrado, Vanildo Helsing tenta reanimar sua esposa Amarilda, que insiste em desmaiar cada vez que vê seu pequeno filho recém nascido. Tudo isso porque o pequenino, no colo da parteira Rose Shelley, recita alguns cânticos em esperanto, lança impropérios contra a seleção húngara de 1954 e grita o nome de um tal de Damien.

06:08 – Em Knoxville, Tennessee, Estados Unidos, vinte milhões de pombos surgem no horizonte. Eles defecam sobre todos os carros da cidade, exceto sobre um velho Chevette mexicano caindo aos pedaços e estacionado ao lado de um celeiro abandonado. Lá dentro, cercado pelo aroma inconfundível de tacos e burricos, chora um neném recém-nascido. Um telefone celular toca.

08:15 – Yohana Lauwo e seu leopardo caminham resolutos e muito rapidamente pela savana africana, o vento do mediterrâneo acariciando as tranças do africano.

09:30 – Um repórter do *Daily Telegraph* é encontrado morto na casa de Suzanne Cooper. Em seu gravador ficaram registradas suas últimas palavras: “Tanzânia? O que a senhora vai fazer com seu filho na Tanzânia?”

10:15 – O departamento de Cobranças e Penitências informa por meio de nota oficial que Yohana Lauwo não consta em sua folha de pagamentos.

12:20 – O recém-nascido de Vanildo e Amarilda pede carne de carneiro para o almoço. E grita com voz esganiçada os nomes das 45 estrelas mais próximas do Sol.

13:53 – Todos os carros de Knoxville fervem misteriosamente. Exceto um velho Chevette.

14:59 – Apavorado, Vanildo Helsing deixa Amarilda desmaiada na cama e vai lavar o rosto no banheiro. Percebe que sua barba está mal-feita, que suas olheiras estão enormes e que ele não está na Tanzânia impedindo o fim do mundo, como havia planejado meses antes.

14:43 – O departamento de Ordem e Segurança, por meio de memorando timbrado em duas vias protocoladas, diz que Vanildo Helsing e Amarilda Stocker também não constam em suas folhas de pagamento.

15:07 – Um leopardo estaciona na porta de uma casa velha em Belgrado. É incrível como animais congelados e homens de mais de duzentos anos conseguem andar rápido quando a reformatação da esfera está em jogo.

15:09 – Vanildo Helsing percebe algo de estranho no espelho. Primeiro, algumas galáxias começam a se formar, e depois a se afastar uma das outras, produzindo um agradável efeito Doppler. Isso já teria sido sobrenatural o suficiente se não tivesse surgido no espelho, no meio das galáxias, um cara topetudo e desesperado, que

golpeava o espelho (por dentro), querendo sair e gritando algo que Vanildo interpretou, fazendo uma rápida leitura labial, como: “Me tirem daqui! Está havendo um grave engano! Eu já deveria ter voltado para dar início à programação apocalíptica 23b, inciso J!”. Ou pelo menos foi o que Vanildo deduziu. 15:10 – Suzanne Cooper desembarca na Tanzânia com seu recém-nascido no colo. No aeroporto, um mexicano de camisa florida e chapéu panamá a espera, falando ao telefone com um primo em Knoxville, Tennessee. Ao ver Rose, desabafa: “Ah não, outro bebê!”

15:11 – Vanildo Helsing sai correndo do banheiro e se arrepende enormemente de ter deixado as galáxias do espelho para trás quando praticamente esbarra em um africano de 1,95, em trajes africanos, com uma bempenteada trança até a cintura e uma lança numa das mãos.

– Yohana esperando você estava – Diz o africano, dando tapinhas no ombro de Vanildo. Amarilda acorda. Olha para o neném, depois para Yohana, e desfalece. Enquanto isso, Rose Shelley sai da cozinha com uma cesta cheia de urubus, que oferece ao leopardo.

– Que gatinho bonitinho... – diz a parteira, acariciando o felino.

16:10 – Falta luz em Paris. 700 pessoas ficam presas no metrô.

17:15 – Toca o telefone na casa de Ruan Amaroto, em Barcelona. É telemarketing.

18:00 – Fim do expediente

Capítulo 6

Estupefato com o atual momento de sua vida, que mais parece um daqueles episódios mais cômicos da série "Além da imaginação" (Não o clássico em preto-e-branco dos anos 30, mas aquela imitação barata produzida nos anos 80, que não merecia o título herdado), Vanildo Helsing não consegue pensar em nada mais elaborado para perguntar às pessoas conscientes presentes na sala de espera da parteira Shelley a não ser...

– S-s-senhora Shelly, a senhora sabe que o gatinho em questão é, na verdade, um *Panthera pardus*, originário das savanas africanas e mais conhecido popularmente como...

– Como Leopardo, meu docinho de côco. Sim, eu sei. Ele não é lindinho?

– Bom, sim, mas... Mas é um leopardo, caramba! Que diabos um leopardo faz no meio de Belgrado? (O africano de cabelos grisalhos se intromete no diálogo) – Zingó a Yohana acompanha onde ir, deve Yohana. Zingó à grandes distâncias leva Yohana.

– Ah, claro... É o nome do seu bichinho? E o que quer dizer "zingó"?

– Zingó, em Bântua, língua de Tanzânia, Leopardo quer dizer.

Curto-circuito no cérebro de Vanildo novamente. É informação demais para sua cabeça naturalmente enrolada para absorver sozinha. É quando ele se lembra de um dado importante: ele é (não tão) recém-casado e (isso sim) recém-pai! Sua mulher, Amarilda Stocker, aquela que está desmaiada no sofá da sala da parteira Shelley, sempre foi a mais inteligente da família que eles acabaram de formar, uma vez que o recém-chegado herdeiro das dinastias Stocker e Helsing ainda não tem idade para nada mais além de sentir cólicas e sujar fraldas, mesmo que tenha nascido sabendo um repertório de músicas em Esperanto. Amarilda já permaneceu desacordada tempo demais. É hora de trabalhar. Isso quer dizer, um copo de água gelada na cara de sua amada esposa e mãe do seu filho.

Entre palavras obscenas e pedidos desesperados para ver seu rebento, Amarilda só se acalma após Shelley repousar o pequeno prodígio em seu colo, dormindo lindamente como só os bebês conseguem fazê-lo. Bebês dormem bonitinho, isso é uma coisa normal. Agarrando-se nessa verdade convencional como se sua vida dependesse disso, Amarilda, cansada de desmaiar a todo instante, faz a pergunta que tanto tem evitado:

– Vani... Que diabos está acontecendo aqui?

– Estamos recebendo a visita de um ancião africano que fala igual ao Yoda e seu leopardo, ao mesmo tempo em que nosso filho começa a cantar músicas em esperanto. A parteira Shelley está servindo urubus ao leopardo e o africano disse que estava me esperando.

– Mais alguma coisa ou isso é tudo?

- Não, eu ainda vi galáxias em movimento e um topetudo americano no espelho do banheiro.
- Ah, claro... Galáxias no espelho e leopardos na sala. E o que o africano quer com você?
- O que você quer comigo?
- Para a Tanzânia vir você precisa. Você, esposa e filho. Buscar você Yohana vir.
- Ah, sim... Que gentileza sua, há... Yohana... Mas como iremos para a Tanzânia? Ela não fica logo ali, virando a esquina.
- Zingó leva – aponta Yohana para seu leopardo que se delicia com carcaças de urubus servidas pela parteira Shelley. Vanildo e Amarilda quase perguntam por que uma parteira guardaria carcaças de urubus na dispensa, mas estão com muito medo de que tudo fique ainda mais estranho e resolvem ater-se a pergunta incrível principal: como viajar para o outro lado do mundo através da *Zingó Express*. O destino, no entanto, não tem a menor pena do casal, como demonstra a intromissão de Rosemary Shelley na conversa, repousando sua mão sobre o ombro do corpo incrivelmente em forma para um homem de mais de duzentos anos:
- Acalme-se, meu marrom glacê. Seu lindo gatinho está cansado demais para levar todos vocês de volta à Tanzânia e precisa descansar. Além do mais, está na hora de o simpático casal aqui se situar melhor sobre seu papel na história da formatação do mundo, não é? Então vamos todos nos acomodar, meus biscoitinhos de gengibre. Vou preparar chá e bolinhos para todo mundo enquanto colocamos nossas prosas em dia, está bem? Sempre há tempo para chá e bolinhos, não importa se o mundo está acabando ou não.
- Vanildo e Amarilda se entreolham, suspeitos de que a última frase da parteira Shelley não seja somente força de expressão...

Capítulo 7

- Definitivamente, os leopardos são mais dóceis que os guepardos – conclui a parteira Rose Shelley, passando o prato de bolinhos feitos em sua humilde casa em Belgrado para Yohana Lauwo e suas belas e bicentenárias tranças grisalhas africanas.
- Guepardos preguiçosos. Zingós amigos. Viajar rápidos zingós podem – Confirma Yohana, olhando para Vanildo Helsing do alto de seus 1,95m.
- Rose Shelley se certifica de que Amarilda, Vanildo e Yohana estão com suas xícaras de chá cheias. E faz uma rápida checagem do estoque de bolinhos sobre a mesa coberta com uma bela toalha branca de renda, levemente iluminada pela luz azulada que entra pela janela da velha casa, e pela porta aberta, por onde pode-se ver o passar esporádico de alguns carros velhos e um leopardo com uma bolsa de pele de gnu no dorso, comendo urubus numa cesta.
- Ao lado da mesa, o recém-nascido de Vanildo e Amarilda repousa num pequeno bercinho de palha, cantando os hinos nacionais de todos os países e ilhas da Polinésia.
- Vanildo dá um gole enorme no chá, e sente o líquido descer queimando pelo esôfago, até se refestelar no estômago. Fecha os olhos e torce para o líquido ser um chá que acabe instantaneamente com sua confusa existência. Depois desiste, quando vê que nada de anormal acontece. Então decide tomar as rédeas da situação.
- Senhor... anh... Yohana, é seu nome, certo?
- Yohana Lauwo eu ser – responde o africano, com a boca cheia de bolinhos e cuspidos farelos por toda a mesa. Amarilda disfarçadamente retira algumas migalhas de seu cabelo.
- Bem – prosseguiu Vanildo, se apurando no encosto da cadeira velha de madeira – como o senhor sabia que eu precisava mesmo ir para a Tanzânia evitar o fim do mundo?
- Amarilda arregalou os olhos.
- Vani! Que diabos é isso de ir para a Tanzânia? E eu? E nosso filho? Você não dá valor a nossa relação...
- Vanildo olha para Amarilda como quem diz “pode falar o que quiser porque não tenho a menor paciência para falar sobre isso agora”. Depois se volta para Yohana, aguardando uma resposta.

– Para o departamento de Cobranças e Penitências Yohana trabalhar. – começa o africano, limpando a boca com a toalha da mesa. – Em tribo de Yohana uma criança nasceu. Então Yohana vir.

O cérebro de Vanildo recua até o ombro. Toma fôlego e sai correndo, tentando saltar pela têmpora. Mas bate no crânio e recua, dolorido. Ele se esforça para juntar letras em sílabas e estas em palavras.

– Ma...ma... mas o que uma criança tem... tinha... eu... haver comigo?

– Bebê chagga nasceu e disse: “Vanildo Helsing de Belgrado aqui precisa estar, para Johnny matar, Damien aprisionar e a reformatação começar”. Então para Belgrado com Zingó Yohana ir.

Vanildo diz algo mas as palavras se recusam a sair sem um adicional por insalubridade. Amarilda olha para seu chá, chorando, e começa a achar que algumas galáxias se formam na superfície do líquido.

Rose Shelley se levanta e caminha lentamente até um quartinho. Depois volta com três valises e as deposita com cuidado junto à porta. Faz um cafuné no Leopardo (“quem é o gatinho da mamãe?”) e volta ao cômodo.

Sai de lá com um fuzil AR-15, que o entrega a Vanildo.

– Suas malas estão prontas. A com lacinhos azuis é a sua, a de laço rosa é de Amarilda. Como não sabia se seu bebê nasceria menino ou menina, pus um lacinho verde na malinha dele. Ali tem fraldas, leite e a obra completa de Nietzsche. Ele pedirá para ler a qualquer momento.

– Que arma é essa? – pergunta Vanildo.

– É só por precaução. Nunca se sabe, né? Os leões...

Yohana se levanta.

– Partir agora precisamos todos.

Amarilda se aproxima de Vanildo e pergunta em seu ouvido:

– Você está mesmo pensando em nos levar para a Tanzânia no lombo de um leopardo com um fuzil nas costas para matar uma pessoa e prender outra?

Vanildo olha para seu bebê no bercinho de palha, que agita o tecido do babador e recita Otelo, de Shakespeare, com forte sotaque mandarim.

– Parece ser a coisa mais sensata a fazer.

Capítulo 8

Poncho Vilaça acordou com uma ressaca digna de um galão de Mezcal virada de uma única vez, com larvas e tudo. Talvez até acreditasse que havia feito isso mesmo se ainda tivesse 15 anos e morasse em Aguascalientes, na sua querida cidade de Pabellón de Arteaga. Em vez disso, encontrava-se em algum lugar do continente africano, divertindo-se com as mulheres de pele mais escura que as pardas Consuelos e Marias de sua terra natal, donas de nomes complicados que até hoje, com dois anos de moradia fixada, não consegue compreender ou pronunciar e mandando ver em bebidas de nomes ainda mais complicados que os das mulheres. Mas Poncho Vilaça é um homem criado no fogo da macheza mexicana, dos seios de sua "madrecita querida" ele já mamava tequila e comia papinha de pimenta antes de completar o primeiro ano de vida. Para alguém como ele, não importa o nome daquilo que consome. A Tanzânia não é Pabellón de Arteaga, mas ele não tem do que reclamar.

Ou pelo menos não tinha até aquela estranha terça-feira de junho de 2006. O dia começou cedo para Poncho Vilaça, mesmo contra sua vontade. Depois de intermináveis segundos sentindo sua cabeça maior que o *sombrero* de festas de seu finado pai (acredite, era realmente grande), Poncho reconheceu o telefone tocando desesperadamente como o motivo do despertar de seu sono. Igualmente desesperado era seu primo Miguel, do outro lado da linha:

– Primo você tem que me ajudar eu atrolei um homem ele caiu com a cabeça no chão está sangrando oh Dios mio acho que ele bateu com a cabeça no meio fio *Madrecita* eu matei um homem eu matei se ele tivesse caído com a cara no chão talvez o topete dele tivesse o protegido mas não eu tinha que fazer o imbecil cair de nuca e...

– Ai, caramba, mas o que você quer que eu faça, @!%#\$\$? Eu estou a um &i;½*\$% de oceano e quase uma &i;½\$%#\$ de continente de distância daí! Você o atropelou o *cabron* com aquele Chevette velho do teu pai?

– Claro! Você acha que eu tenho dinheiro pra comprar um carro novo?

– O &i;½\$%#\$ é alguém famoso por aí?

– Bom, eu não sei quem é o *cabron*, mas...

– Então joga o corpo do *cabron* no porta-malas e se livra do corpo. Se não sai no jornal, ninguém vai dar falta dele, \$@i;½\$@!

Depois de aconselhar seu primo nos EUA a se livrar do corpo, Poncho Vilaça teve trabalho para expulsar duas belas nativas de sua cama e uma não-tão-bela nativa de sua cozinha, que havia preparado um desjejum bastante parecido com sua fisionomia, levando algum tipo de carne de um animal possivelmente em extinção. Desistindo de comer, Poncho Vilaça foi até o banheiro e, enquanto dava sua mijada matinal ("Esvaziar a bexiga logo de manhã é quase tão bom quanto sexo", pensa todas as manhãs), começou a pensar que ainda estava sob efeito do álcool ao ter visto no espelho sobre o vaso sanitário (ele gosta de olhar seu semblante de satisfação pela manhã) algumas galáxias se formando a sua frente, produzindo um agradável efeito Doppler. Quando a imagem de um típico americano-adorador-de-Elvis-Presley apareceu desesperado a sua frente, de dentro do espelho, Poncho Vilaça não pensou duas vezes e quebrou o espelho no chão.

– Não importa de onde vem ou o que quer, ninguém atrapalha minha mijada matinal.

Em jejum, mal-humorado por um espírito pederasta querer ver seu *majo* por dentro do espelho e sem dinheiro ("aposto que foi aquela meretriz da cozinha que roubou minha carteira"), o dia mostrou que realmente seria ruim quando recebeu um recado do xamã da tribo dos Chaggas, que mandou-o até o aeroporto para receber visitantes que estão a caminho.

O que o xamã não avisou é que seus visitantes seriam pais de diversos lugares do mundo com seus devidos filhos recém-nascidos e se tem uma coisa que Poncho Vilaça detesta mais do que bichas taradas que querem olhar para seu *majo* no banheiro, desencarnadas ou não, são crianças babonas, com seus pulmões poderosos e cordas vocais agudas, que berram e se cagam e se mijam a todo instante. Não importa se o rebento é de Gisborne (Nova Zelândia), da Bahia (Brasil) ou de Londres (Inglaterra). Na parte da tarde, Poncho Vilaça sentiu o calor infernal de um aeroporto com ar condicionado quebrado na Tanzânia enquanto falava ao celular novamente com seu primo Miguel, que gritou mais desesperadamente do que de manhã: – Primo minha filha nasceu eu não acredito é *una chica linda* primo tem os olhos da mãe não dá pra acreditar ela nasceu em um celeiro não deu tempo de chegar num hospital por causa do *hirro de la madre* que está no porta-malas mas ela é linda e...

As palavras de Miguel viraram uma maçaroca de som indecifrável quando Poncho Vilaça virou sua atenção para a figura sinistra da visitante de Londres, uma mãe solteira que parece que saiu de um filme de terror japonês trazendo no colo uma criança que não pára de chorar em latim. "Ah não, outro bebê!", desabafou.

Ao mesmo tempo que Poncho Vilaça estranhou o fato de que esses bebês, em vez de falar apenas vogais e poucas consoantes como os outros homens em mulheres dessa idade, cantavam os três hinos neozelandeses (dois oficiais e um clandestino) nas quatro línguas oficiais daquele país, cânticos de todos os orixás e rodas da umbanda brasileira ou interpretavam todos os diálogos de "A Profecia", os pais quase não estranhavam a reação automática daquele mexicano de chapéu panamá de levantar as duas mãos abertas até a altura do peito, dar dois passos pra trás e dizer, com olhos arregalados "esse *burrito* não é meu!".

A noite chega e Poncho Vilaça sabe que o xamã não vai gostar das notícias tem a dar: o bebê mexicano que viria dos Estados Unidos vai se atrasar alguns dias e o último vôo que vinha da Sérvia aterrisou às 21:30, mas não trouxe nenhuma família com bebê estranho nele...

Capítulo 9

No meio de Belgrado, na Sérvia, há uma casa. Uma casa velha, com uma porta velha e uma janela velha sob um telhado velho. No lado de dentro da casa, há uma senhora igualmente velha, que vem a ser dona daquela residência, um casal que acaba de ter seu primeiro filho, o primeiro filho de tal casal e um africano de 1,95 e longas madeixas grisalhas. Na porta dessa casa há um Leopardo.

Dentro da casa, Vanildo Helsing pendura o fuzil nas costas e ergue as três malas, enquanto Amarilda segura o bebê recém-nascido. Antes de saírem rumo à Tanzânia, Rose Shelley, a dona do casebre, resolve dizer algumas palavras.

– Então, meus docinhos de coco, vocês entenderam bem a natureza de sua missão?

Vanildo olha para Rose Shelley com uma cara de “você só pode estar brincando comigo. Estou prestes a sentar no lombo de um leopardo com um fuzil nas costas, meu filho recém-nascido não pára de cantar óperas turcas e eu vi galáxias no espelho de seu banheiro”. Rose entende perfeitamente o que aquela expressão embasbacada significa e olha para Yohana Lauwo, como se pedindo permissão.

– Yohana partir logo precisa. – O africano só não pontua a frase batendo com seu cajado no chão porque não está segurando cajado algum.

– Sempre há tempo, jovem Yohana, sempre há tempo. – Diz Rose, puxando Vanildo pelas mãos de volta para a mesa ainda coberta de farelos de bolinhos.

– Tudo começou há uns trinta mil anos, quando a Terra foi reformatada pela última vez. – explica Rose, fazendo pausas de quase dez segundos entre uma frase e outra, dando sorrisos saudosos e revelando aquele brilho nos olhos que só têm aqueles que estão desencavando o próprio passado na memória.

Vanildo decide que o mais prudente é não questionar qualquer informação, por mais absurda. Enquanto isso, Amarilda tenta convencer o rebento dos benefícios do aleitamento materno, enquanto ele questiona os benefícios do cálcio no organismo dos recém-nascidos.

– A cada reformatação, alguns bebês especiais nascem. – prossegue Rose, enquanto passa manteiga em um pedaço de pão. – Eles estão prontos para liderar as novas gerações que repovoarão o planeta. É um processo salutar, apesar de incompreendido. É como uma máquina de lavar, se você me entende.

– Sim, claro. É como uma máquina de lavar. Tudo isso, do Leopardo ao fim do mundo, tem tudo a ver com uma máquina de lavar – Vanildo se surpreende com o inesperado cinismo. Gosta da performance e fica orgulhoso de si mesmo. Talvez o AR-15 nas costas, apesar de impedir que ele se apóie no encosto da cadeira, forneça uma coragem adicional que ele jamais havia sentido.

– Então. Uma máquina de lavar. A gente até pode ir consertando os problemas que acontecem com o tempo, mas chega uma hora em que o melhor mesmo é jogar a máquina velha fora e comprar uma nova.

– É como esvaziar a lixeira do Windows – diz Amarilda, se metendo na conversa.

– Pois bem. Mas nem todos os bebês devem crescer e liderar a humanidade. Cada departamento manda alguns representantes, em busca de maior poder na nova versão do planeta. E cada departamento quer que seus bebês sobrevivam, é claro.

– E para que departamento vocês trabalham? – pergunta Vanildo com o único neurônio de seu cérebro que não cometeu harakiri – Quer dizer, supondo que vocês trabalhem para algum destes... departamentos...

– Para o departamento de Cobranças e Penitências Yohana trabalhar – se manifesta o africano.

– Ah é, tinha esquecido... e... por que eu?

– Ora, meu fofoletezinho... – recomeça Rose. – todos sabemos da linhagem de sua família... sua e a da sua esposa...

– Eu?!?!? – Assusta-se Amarilda. O recém-nascido desata a chorar.

– Sim, meu doce. Vocês têm muitas penitências a pagar... buffer cósmico, se você me entende. Pois então. Tudo o que vocês precisam fazer é estar no topo do Klimandjaro na hora certa, impedir que as outras crianças cheguem ao cume e matar qualquer topetudo que apareça por lá.

– Por que eu deveria matar topetudos? Eles oferecem risco à humanidade?

– Não... não muito. Mas Johnny Hellmont é a reencarnação do bebê que deu origem à era em que vivemos. À era das máquinas. Enquanto ele estiver vivo, a reformatação não poderá ser concluída.

– E se a reformatação não for concluída?

– Aí meu docinho. Será o fim de tudo. Definitivamente. O processo já foi iniciado. Ele pode ser concluído por algum dos bebês, ou adiado por Johnny Hellmont. Mas, se por um acaso, Johnny Hellmont não estiver nem vivo, nem morto, o processo não terminará.

– Esse Johnny Hellmont... ele... é topetudo mesmo?

– Sim. Muito topetudo.

- E se alguém estiver preso num espelho, ao lado de várias galáxias... essa pessoa esta viva ou morta?
- Nesse caso, eu diria, meu fofinho, que a pessoa não está nem viva, nem morta. Ela está presa num nível inferior subadjacente da burocracia celestial, impedido de reencarnar ou de seguir para o descanso eterno.
- E, apenas supondo, se Johnny Hellmont estiver nesse nível inferior subadjacente da burocracia celestial? – Vanildo pergunta, temendo a resposta.
- Aí, meu bolinho de açafrão... nós estamos ferrados.

Capítulo 10

Há algumas horas, em algum nível inferior subadjacente da burocracia celestial, uma voz se manifesta calmamente em meio a um ambiente onde não deveria haver seres pensantes, conscientes, animados, existentes, imaginários ou de qualquer outro tipo.

- Acorde, Johnny. Está na hora de trabalhar.
- hhhuummmmmppppfff... rrrRRRRrrRRRoooOOOoooNNNnnnCCC... (mais algumas onomatopéias de alguém em processo de despertar depois...) HHhnn? Onde... Onde estou? O que aconteceu? A única coisa de que me lembro é de estar andando a pé e um carro velho se aproximava e... e... e...
- E agora você está aqui, Johnny. .
- Dãã... É claro que eu to aqui, ô babaca, eu tô me vendo aqui, você tá me vendo aqui, então é claro que eu tô aqui. O que eu quero saber é onde diabos é aqui, caralho!
- Aqui é um nível inferior subadjacente da...
- Nível sub o que? Cara, eu não tô entendendo nada do que você tá falando e nem tô aí pra isso! Só quero sair dessa merda de hospital e...
- Johnny, você não está em um hospital.
- Como não tô? Eu fui atropelado, não foi? Então eu só posso estar num hospital, caramba! Se eu não to num hospital, então eu só posso estar... Estar...
- Morto? Tecnicamente sim, mas sua situação é um pouco mais complexa que isso...
- C-c-como assim, complexa? Eu vou pro Inferno? Ai, meu Deus, eu vou pro Inferno! Ai, caramba, deixa pelo menos eu ir para o Inferno no meu Mustang, por favor, por favor, Deus...
- Acalme-se, Johnny. Eu não sou Deus e você não vai ter a sorte de ir para o Inferno. Meu nome é Helix e, se as coisas continuarem como estão, você será o responsável pela criação de algo bem pior que o Departamento de Cobranças e Penitências lá na Terra mesmo...
- Ah, não! Não me vem com essa não, carinha! Eu não vou ser o responsável por transformar a Terra num planeta povoado apenas por Nerds que só sabem falar de Jornada nas Estrelas e discutir se o Spock é virgem ou não. Além do mais...

– SILÊNCIO!

Após a ordem proferida aparentemente de todos os lados do grande espaço negro onde Johnny Hellmont se encontra, o cérebro (ou o que quer que ele use como tal) do topetudo de Knoxville é bombardeado por informações, imagens, recordações e instruções sobre o início e o fim do mundo. Ele sabe quem sempre foi, sabe o que está em jogo, sabe quem é Helix e sabe o que deve fazer de agora em diante. Ele só não sabe agora como sair do maldito nível inferior subadjacente da burocracia celestial.

Desesperado e à procura de ajuda, Johnny Hellmont imagina-se dentro de seu fiel Mustang vermelho e corre pelo espaço negro rodeado de pontos espelhados flutuantes ao seu redor. Em sua tentativa de contato com outras pessoas no mundo dos vivos, ele conseguiu ser brevemente visto apenas por alguns sensitivos ao redor do mundo: uma farsante de médium em Nova Iorque através de sua bola de vidro que teima dizer ser do mais fino cristal, uma menor de idade francesa através do espelho no teto de um quarto de motel, um mexicano mal-educado temporariamente localizado na África, um esquimó com insônia de seis meses pelo reflexo do gelo ártico, um casal de padeiros portugueses radicados no Brasil, um franzino sérvio através do espelho do banheiro e um viciado em computadores em Taiwan que estava há dois meses e meio sem se levantar de sua

cadeira numa Lan House local, jogando Warcraft II ininterruptamente. Ele teve um ataque cardíaco no momento em que viu o reflexo de Johnny Hellmont pelo monitor e enfartou de emoção ao considerar aquilo o mais realista protetor de tela de sua vida. Houve uma tentativa frustrada em tentar contatar uma mulher sérvia através de uma xícara de café, mas tudo que ele conseguiu foi tomar um gole de café fraco. Helix fala:

– Johnny, não costumo me repetir, mas abrirei uma exceção para você pela última vez: pelo amor do diretor geral desta empresa, acalme-se! Agora que você sabe quem é e o que deve fazer, pretendo ajudar você a alcançar o seu objetivo. E eu sei como tirar você daqui. Você confia em mim?

– Ainda não sei se sim, Helix, pronuncia um Johnny Hellmont bastante modificado, menos imbecil e mais determinado – Por que você me ajudaria?

– Porque nossos objetivos são semelhantes, meu Deus das Máquinas. Você quer a soberania da tecnologia sobre a vida e eu nunca achei boa idéia a dessa esfera ser povoada por seres de carbono. E então, você está comigo?

...

– Mostre-me o caminho, Hélix, e verá o que o Deus das Máquinas é capaz de fazer com os dispensáveis seres de carbono...

Capítulo 11

O pelo do leopardo é duro. Duro e pontiagudo. Duro e pontiagudo como se estivesse ali, pegando poeira e endurecendo, por uns duzentos anos. E está. Por isso mesmo, espeta o traseiro de Vanildo, enquanto ele incessantemente seca o suor da testa queimada pelo sol escaldante das savanas africanas. Sol este que, inclemente, escalda sem cessar a pequena e intrépida trupe que segue rumo ao monte Klimandjaro, na Tanzânia.

– Eu continuo sem entender porque você não prefere um carro, um caminhão ou qualquer veículo mais confortável – berra Vanildo contra o vento, tentando se fazer entender por Yohana Lauwo, que guia o Leopardo.

– Yohana de máquinas não gostar.

– De nenhuma máquina?

– Nenhuma máquina.

– Nem um computador? – arrisca Vanildo.

– Nem computador.

– Nem relógio de pulso? Relógios de pulso são legais. Uma vez comprei um na Transilvânia que tinha uns morceguinhos...

– Nem relógio de pulso – interrompe o africano, fazendo uma curva ao leste rumo a uma montanha de formato triangular e neve no cume.

Amarilda Stocker tenta dar de mamar ao bebê enquanto o Leopardo salta por cima de arbustos, a quase 100 Km/h.

– Vani, você já sabe o que a gente vai fazer nesse lugar?

– Eu? Nós? Errr... Yohana... o que exatamente a gente vai fazer na montanha?

– Matar o Deus das Máquinas Vanildo e Amarilda irão. E reformatar o planeta o bebê irá. Ao se sentir mencionado, o bebê parou de mamar e começou a recitar o Alcorão em latim e a Bíblia em árabe.

– Isso eu sei... a parteira já falou isso. Mas... por quê? E por que a gente?

– Isso Yohana não sabe... De família de matador de vampiros você ser. E derrotar bebês malignos deve. E sangue imortal Amarilda ter.

–Eu?!?!?

– Nenhuma outra Amarilda Yohana conhece.

– Mas eu não sou imortal!

– No alto da montanha isso Yohana descobrir vai.

O resto da viagem prossegue em silêncio, quebrado apenas pelos versículos em árabe recitados pelo bebê. Conforme se aproximam da montanha, o cume nevado se revela coberto por nuvens negras, repletas de relâmpagos.

Curiosamente, mesmo eles estando quilômetros distantes de qualquer cidade, todos ouvem claramente o barulho de máquinas trabalhando. Muitas máquinas. Muitas mesmo. Súbita e igualmente de forma curiosa, Amarilda sente um desejo incontrolável de estar dentro de um Chevette velho.

Capítulo 12

Poncho Vilaça gosta de ser orgânico. Ele se sente muito confortável e à vontade com o fato de ter um corpo cheio de organismos que digerem alimentos, expelem impurezas e impõem outras necessidades orgânicas prazerosas ao contato de outro corpo cheio de organismos das quais ele está sempre pronto a atendê-las. Por isso ele torce para que o mundo não mude muito após o seu fim. Por isso ele não gosta nada quando, no meio do Kilimandjaro, ele começa a ouvir sons cada vez mais altos de máquinas em pleno funcionamento. É quase como se o grande vulcão em extinção fosse o parque industrial de uma fábrica de automóveis de tão ensurdecedor e próximo que as engrenagens pareciam trabalhar.

Poncho andava tão ocupado com suas putas negras, o exótico banquete da comida local e do clima tão quente quanto de sua terra natal que não prestou atenção nos eventos que aconteciam mais rápido que esperava. Poncho Vilaça esperava não precisar se revelar para que tudo acontecesse de acordo com suas intenções, usando para isso a fachada de ignorante ajudante da tribo dos Chaggas e seu pretensioso xamã, que pensa que sabe tanto de tudo. Mas seu bebê campeão ainda está nos EUA, bem cuidado por seu parente de carne e protegido em um Chevette velho, mas era aqui que ele deveria estar. Em vez disso, um Deus das Máquinas é criado e outro bebê triplamente mais poderoso que os outros devido às pessoas que o protegem está chegando na garupa de um leopardo. Não tem jeito: Poncho Vilaça precisa intervir de forma mais direta. Se o bebê campeão daquele africano velho pode tomar um meio alternativo de transporte para ocultar-se da vista das preguiçosas entidades que não se dignam a colocar os pés na terceira esfera que gira ao redor do sol, seu bebê campeão também pode chegar ao Kilimanjaro por meios inesperados.

Em algum lugar dos EUA, um velho Chevette que abriga um pai, uma mãe, uma criança recém-nascida e um corpo com topete no portamalas começa a dar arrancadas sem que ninguém esteja sentado no banco do motorista e começa a correr tão veloz mente quanto um mustang vermelho. Seus passageiros (os vivos) se assustariam com o carro mal-assombrado se não testemunhassem sua filha com apenas algumas horas de vida entoando músicas populares e obscenas comumente ouvidas nos bares de Aguascalientes.

Na tribo dos Chaggas, um xamã experimenta o sentimento do medo pela primeira vez em seus quase 100 anos de idade ao se deparar com a oca dos exóticos bebês, que estavam sendo preparados para o ritual, ser consumida pelo fogo devastador. Seus pais e mães se desesperam na periferia do incêndio – menos Suzanne Cooper, que desapareceu misteriosamente...

Nas florestas do Quênia, o leopardo de Yohana Lauwo subitamente enrijece suas juntas contra a própria vontade e cai ao chão, paraplético. Vanildo e Amarilda se recobram do tombo com seu filho no colo, mas Yohana Lauwo se contorce de dores no chão, impossibilitado de levantar e continuar viagem. Pela primeira vez, o filho do casal sérvio assume feições sérias e diz apenas uma vez, quase sussurrando: "Está tudo errado. Tudo errado..."

Em todo o mundo, carros possantes começam a perseguir e atropelar seres humanos como se tivessem ódio profundo dos inúteis seres de carbono, ao mesmo tempo que desastres naturais menores acontecem constantemente. O Deus das Máquinas ainda não está satisfeito com seu desempenho por não conseguir avançar com seu exército de engrenagens e metal para dentro do Kilimanjaro. Algo o impede.

Semblante cansado, mas satisfeito, Poncho Vilaça diz:

– Está na hora de recuperar o tempo perdido...

Capítulo 13

O céu rodopia ao redor de Vanildo Helsing. Ele se senta com dificuldade sobre a terra quente das savanas africanas. Suas costas doem como se ele tivesse caído de costas a 100 Km/h sobre um AR-15. Até porque foi exatamente isso o que aconteceu. Procura por Amarilda, que está sentada a seu lado com o bebê no colo.

– Você tá legal?

– Tô... o que aconteceu?

Vanildo se levanta. Caminha até Yohana Lauwo, que está caído no chão, tremendo.

– correr... precisar... cof... cof... correr... vocês... precisar... – Yohana fala com dificuldade. A seu lado, Zingó parece estar desmaiado. Vanildo olha para a montanha, alguns quilômetros adiante. Percebe também uma coluna de fumaça se erguendo.

– Procure xamã... ele ajudar você vai.

– Mas... e você?

– Yohana bem ficar.

Vanildo pega sua velha maleta de madeira, arruma o AR-15 nas costas e ajuda Amarilda a se levantar.

– Você tem certeza? – pergunta para Yohana, que tenta, em vão, se levantar.

– Vá! Perder tempo você não poder.

Vanildo e Amarilda começam então uma longa caminhada rumo à base da montanha e à coluna de fogo que se ergue. O bebê fala coisas sem sentido, como se estivesse ao telefone com alguém. “Está tudo errado! Cadê o suporte? Cadê o xamã?”

Enquanto isso, um chevete mexicano invade o espaço aéreo da Tanzânia voando a 2 mil metros de altitude e deixando um rastro de fogo por onde passa. Na montanha, membros da tribo dos Chaggas tentam apagar um incêndio que começou na oca com os quatro bebês e que rapidamente se alastrou pelas demais cabanas. Todos correm, exceto um mexicano que assiste a tudo com um sorriso vitorioso no rosto. Não há qualquer sinal do xamã, nem de Suzanne Cooper.

Sem que Poncho Vilaça perceba, a fivela de seu cinto misteriosamente se solta e cai ao chão, indo se juntar a pregos, parafusos, lãs de aço, fios, lâmpadas e dezenas de pequenos objetos metálicos. Escondidos atrás de moitas nos arredores da aldeia, os objetos começam a se unir e a tomar forma humanóide, emitindo um crescente zumbido de máquinas trabalhando.

O vento sopra cada vez mais forte e nuvens escuras tomam conta do céu. Raios caem lá e cá, ateando fogo a arbustos da savana. Animais silvestres correm das chamas. Poncho Vilaça acende um charuto no fogo de uma das cabanas destruídas, passa por cima do corpo inerte do xamã e começa lentamente a caminhar rumo ao topo do Kilimandjaro.

– Chega de palhaçada. Vamos acabar logo com essa merda que eu tenho mais o que fazer.

No alto da montanha, uma inglesa está concentrada desenhando pentagramas com seu próprio sangue na neve eterna do cume e não percebe a aproximação de um mexicano enorme, de um chevete voador, de um casal de caminhantes e de uma coisa esquisita feita de parafusos e fivelas de cintos.

Capítulo 14

Falta apenas um movimento fatal para Suzanne Cooper terminar seu ritual satânico e transformar o mundo à sua imagem, coroando o bebê Damien como senhor absoluto da próxima versão da terceira esfera que gira ao redor da estrela Sol. Depois de tê-lo rezado em um pentagrama e banhado seu filho em sangue inocente de nativos da tribo dos Chaggas, resta apenas lançar o corpo vivo de sua cria no fogo purificador do vulcão que deveria estar extinto. Apenas isso. Suzanne não hesita em arremessar seu filho especial, que também espera por esse momento desde seu nascimento, há poucas semanas atrás.

É incrível como um segundo pode fazer toda a diferença para o mundo. Neste segundo crucial em que Suzanne Cooper lançaria seu filho à morte certa e, em seguida, à conquista do mundo, ela sente uma súbita dor na sua

terceira costela esquerda, como se uma bala de fuzil AR-15 penetrasse por ela e saísse pelo lado direito de sua cintura. Até porque foi exatamente isso que aconteceu.

– Vani! Aquela é a pessoa que você deveria matar?

– É a única pessoa que estou vendo aqui alto do Kilimandjaro, amor. Yohana e Mary disseram que eu tinha que atirar em alguém aqui, não é?

– Vani, querido... você tem certeza que acertou mesmo aquela mulher, não é?

– Claro, querida. Você mesma não viu o sangue verde jorrando pelo buraco da... Peraí: eu disse "sangue verde"?

– Disse, querido... Acho que isso explica porquê ela está se levantando com cara pálida e dois buracos no corpo...

A criatura pálida que se ergue sobre a neve e a lava do vulcão, levitando e exalando enxofre, pouco lembra a tímida Suzanne Cooper de Bristol, Inglaterra. Vanildo e Amarilda nem mesmo sabem o que os atinge ou mesmo conheciam a verdadeira identidade da entidade demoníaca que se apossou do corpo da inglesa pálida, que os crema vivos com um sopro de fogo e enxofre. Vanildo chega ao seu destino tarde demais. O bebê que ele havia de matar, assim como sua mãe, já não mais existia. Damien havia ganho poder e precisava se unir ao planeta, jogando-se para dentro do vulcão em erupção a fim de destruir o mundo e molda-lo ao seu gosto das cinzas da destruição. Apenas um ser vivo poderia oferecer desafio a ele: o filho sem nome do casal destinado a destruí-lo. Ele ainda era um dos seis escolhidos, e era também um Helsing e, ao mesmo tempo, um Stocker. O bebê sem nome precisa morrer.

Desprovida de sentimentos maternos, a entidade demoníaca que, um dia, foi Suzanne Cooper, espera o fim do mundo brincando de destruir todo e qualquer ser vivo que cruze seu caminho durante o vôo que realiza topo abaixo do monte, até encontrar um gordo, bigodudo e tranquilo mexicano que caminha ileso pelas chamas, trazendo em sua mão direita uma espada cuja lâmina queimava ainda mais que o cenário. A aparência não é digna, mas o demônio reconhece a verdadeira natureza do latino.

– Ora, ora... O grande arcanjo Miguel! É realmente uma surpresa encontrá-lo num disfarce tão mundano, colocando os pés em solo terrestre depois de ter liderado as hordas angelicais no início dos tempos

– Não importa a pele que vista, desgraçado. Vou mandá-lo de volta pro Inferno, como fiz antes! Enquanto dois infantes herdeiros do mundo brigam no topo do Kilimandjaro e a mais terrível das lutas volta a acontecer na base do monte, ninguém nota a chegada de um velho Chevette voador deixando uma trilha de fogo pelo céu... Ninguém a não ser uma criatura feita de parafusos e fivelas de cinto, ostentando o que parece ser um topete cromado, que esperava o momento em que todos estariam ocupados em suas lutas particulares para executar, sem interferência, o plano traçado por ele e seu mentor, Hélix. Johnny Hellmont, o Deus das Máquinas, pensa: "É agora!"

Em pleno vôo, o Chevette começa a se desmontar e suas peças alutnam-se no corpo metálico de Johnny Hellmont. Sem nenhum veículo de transporte, a família mexicana começa a cair velozmente para dentro do vulcão. De propósito, Johnny estende seus braços para alcançar apenas o pai e a mãe do bebê que era transportado pelo carro voador.

A criança cai no vulcão.

Uma grande erupção se inicia, jorrando lava por todo o planeta.

A terceira espera que girava tontamente ao redor da estrela Sol explode.

Deixa de existir.

Capítulo 15

Balbúrdia. Todos querem falar ao mesmo tempo. Bolinhos de chuva voam pelo espaço sideral. Pedços de Belo Horizonte flutuam pelo nada, rodopiando serenamente sobre a imensidão estrelada. Parece o cenário do fim do mundo, mas não é. Na verdade, é o cenário de dois minutos depois do fim do mundo.

A Assembléia reúne a cada Aeon todos os departamentos, diretorias, gerências e sub-suplentes envolvidos na reformatação dos planetas alinhados à Corporação. Miguel, ainda vestindo o corpo de um mexicano *caliente*, discute calorosamente com o corpo furado de bala de Suzanne Cooper. Rose Shelley circula pelo ambiente, completando xícaras de chá que bóiam sobre o éter, oferecendo bolinhos que volta e meia cismam de sair voando de sua bandeja.

Um bebê brasileiro protesta com a boca cheia de guloseimas, e farelos voam pela galáxia. Johnny Hellmont, no corpo de Johnny Hellmont, tenta se livrar do bebê sem-nome de Vanildo e Amarilda, que questiona seus métodos para influenciar o resultado da formatação. Caminha pelo nada até bater de frente com um africano com longas tranças grisalhas. Olha para Yohana, dá meia volta, estica a perna para passar por cima do bebê e caminha para perto da Mesa da Presidência. Sobre a mesa, uma galáxia em forma de olho gira solenemente.

– Protesto! As máquinas foram beneficiadas! – brada um dos bebês queimados por Suzanne.

– É. Nós nem tivemos chance!!! É a primeira vez que isso me acontece... – pondera outro bebê. Johnny pega três estrelas do firmamento e começa a fazer malabarismos.

– Contra o estatuto reformulação está – afirma Yohana, batendo com seu cajado sobre Júpiter. – Topetudo descumprir regulamento.

– Que descumprir o quê, ô Steven Seagall. Não tinha que tacar um neném no vulcão? Taquei um neném no vulcão. Não tinha que explodir o planeta? Então explodi...

– REFORMATAR.

Silêncio. Quando Ele fala, é bom escutar. A galáxia em forma de olho prossegue:

– REFORMATAR É O PLANO. REFORMATAR É O PROCESSO. NÃO DESTRUIR A CRIAÇÃO. ALGO SAIU ERRADO.

– Eu disse! – gritam uns três.

– Eu sabia! – berram outros dois.

– Eu disse que sabia! – bradam os demais.

– Quem quer mais bolinho? – pergunta Rose Shelley.

Johnny olha para a galáxia em forma de olho. Acha que reconhece aquela voz de algum lugar, mas não se lembra de onde.

– Quem é o rosquinha, hein?

– SOU O CRIADOR. DE TUDO. MÁQUINAS E HOMENS. PLANETAS E ESTRELAS. PARA VOCÊ, SOU HÉLIX

– Helinho, camarada... bem que tava te reconhecendo... você deu uma engordada né, mas ficou bem legal...

– CALE A BOCA.

– Tá. Valeu.

Johnny recua até perto de Europa (a lua de Júpiter, não o continente, que nesse exato instante entra em órbita ao redor do Sol nas vizinhanças do Cinturão de Orth). A balbúrdia recomeça. Todos os representantes de departamentos estão visivelmente contrariados.

– Olhem só para isso!!! Era para termos recomeçado tudo numa boa, tranquilos... – explana o bebê de Vanildo e Amarilda, fumando um charuto. – nem naquela Era Glacial que o Departamento de Clima e Expectativas criou por engano foi tão problemática!

– O bebê brasileiro, representante do departamento de Clima e Expectativas, partiu para cima do outro, sendo erguido pela fralda por Miguel.

– Olha galera... o papo aqui tá bom, o chazinho tá maneiro, né gatinha?, – diz o anjo mexicano, dando uma piscada de olho para Rose Shelley – mas eu tenho mais o que fazer... tem um zilhão de planetas por aí com porrada comendo solta e com umas mulheres... hmmm... de outro mundo.... anh... er... arram. Então? Dá para decidir ou tá difícil?

Silêncio. Se o momento é de decisão, isso é tarefa para o chefe. Hélix se manifesta.

– QUANDO JOHNNY JOGOU SEU BEBÊ NO VULCÃO, OUTROS DOIS BEBÊS, QUE LUTAVAM PRÓXIMO AO CUME, TAMBÉM CAÍRAM DENTRO DELE. ISSO CAUSOU A INSTABILIDADE TEMPO-ESPACIAL.

Silêncio de novo. Todos esperam que Hélix conclua seu pensamento, até porque a instabilidade tempo-espacial explica muita coisa mas não resolve nada.

– E? –Johnny se atreve a perguntar.

– E, POR ISSO, A REFORMATAÇÃO NÃO VALEU.

– Recomeçar processo Hélix precisa –argumenta Yohana. – E sem interferências. – Completa, olhando para Johnny, o “Deus das máquinas” de Hélix, que apesar de sua obrigação de isenção parece ter mexido seus pauzinhos mágicos para determinar o final de uma história que fugiu até mesmo a seu controle.

– COMO QUISEREM. SEM INTERFERÊNCIAS. SESSÃO ENCERRADA.

* * *

O Sol brilha com força sobre o deserto. O mamute bebe água tranqüilamente numa poça ao lado de um cactus gigante quando vê um brilho estranho sobre a superfície da poça. Olha para frente e leva um baita susto quando vê um mexicano correndo atrás de uma neanderthal com uma espada flamejante nas mãos. O mamute ergue seus chifres, recua e esbarra no cactus gigante, saindo em disparada.

As passadas do mamute apressado fazem a caverna de Vanildo Sapiens e Amarilda Sapiens tremer. Com isso, o desenho de pequenos morcegos (que obviamente ainda não surgiram na cadeia evolucionária) que Vanildo faz na parede fica total e completamente borrado. Ele sai para ver do que se trata.

Amarilda o segue, curiosa. O mamute passa por eles e some no horizonte. Vanildo pede a Amarilda que busque água no riacho que passa em frente à caverna. Ela obedece. Quando se abaixa, se encanta com formas coloridas que começam a surgir na superfície. São galáxias, que giram e rodopiam sem parar. Então aparece uma grande galáxia em forma de olho.

Amarilda gosta do que vê. E aquela imagem a inspira a criar coisas. Não pinturas na parede ou roupas com pele de tigres dente-de-sabre. Coisas com madeira, com pedra. Coisas mecânicas. Então ela se levanta e começa a imaginar que uma pedra redonda poderia ajudar a carregar coisas de um lado para o outro. E que uma pedra pontiaguda presa a um pedaço de madeira poderia dar uma boa ferramenta para cortar coisas.

Ela se levanta e começa a maquinar mais invenções. Na outra ponta do Cosmos, uma galáxia em forma de olho sorri.

FIM (ou melhor, recomeço)

Saiba mais sobre os autores em:

<http://www.lpaiva.jor.br/ocktock>

e

<http://www.cassano.com.br>

© 2006, Leonardo Paiva e Roberto Cassano

Você pode distribuir livremente este conto, desde que seja preservado o crédito aos autores, nenhuma modificação seja feita em seu conteúdo, nem seja auferido lucro por sua comercialização.